

# A vitalidade de *sarolha* nos falares baianos(\*)

1. A vitalidade de *sarolha* começou a ser documentada nos falares baianos pela primeira vez<sup>(1)</sup> na Bahia, como fica demonstrado pela carta 22 do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*<sup>(2)</sup>, que registram as respostas à pergunta n.º 24 — TERRA ÚMIDA [sarolha] do Extrato de Questionário aplicado em 50 localidades do Estado da Bahia. Os trabalhos de investigação dialetal do Laboratório de Fonética estenderam-se agora ao Estado de Sergipe, de que nos vimos ocupando desde 1963, quando da aplicação do Questionário Lingüístico Experimental (esboço n.º 4). Seus resultados constituirão o Atlas Lingüístico de Sergipe.

O presente trabalho visa a documentar a vitalidade de *sarolha* nesse último Estado.

- 1.1. A forma *sarolha* recolheu-se em Sergipe com a aplicação das perguntas de números 56, 260, 269 do Questionário para os inquéritos finais em Sergipe nos anos de 1966 (out/nov) e 1967 (jul)<sup>(3)</sup>. Desse questionário constam as

164 perguntas do Extrato de Questionário aplicado nos 50 pontos da Bahia e mais 505 perguntas específicas de Sergipe que resultaram da seleção das respostas ao já referido esboço n.º 4 do Questionário Lingüístico Experimental, aplicado em quatro localidades — Santa Luzia, Estância, Itaporanga, Laranjeiras — em 1963 (out/nov). Das três perguntas mencionadas, apenas uma, a de n. 56 — TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA, constou do Extrato do Questionário da Bahia, fato esse que nos impede de fazer qualquer relacionamento com a Bahia no que diz respeito às outras possibilidades do uso de *sarolha* arroladas em Sergipe.

1.1.1. Apresentamos os resultados de material recolhido em 15 localidades, assim distribuídas por zonas fisiográficas:

I. Zonal do Litoral	Santa Luzia	ponto n.º 51
	Estância	53
	Pedrinhas	54
	São Cristóvão	55
	Itaporanga	56
	Brejo Grande	61
II. Zona Central	Laranjeiras	57
	Divina Pastora	59
III. Zona do Baixo São Francisco	Propriá	62
IV. Zona do Sertão do São Francisco	Gararu	64
V. Zona do Oeste	Curralinho	65
	N.S. da Glória	63
	Ribeirópolis	60
	Simão Dias	58
	Tomar do Geru	52

1.1.2. Os informantes foram sempre dois em cada localidade: um do sexo masculino e outro do sexo feminino. Ao lado desses inquéritos, houve outros paralelos, não subordinados a questionário prévio, cujos resultados não foram computados para esse trabalho, nem o estão sendo, pelo menos até agora, para o Atlas Lingüístico de Sergipe, que constará das cartas de Sergipe correspondentes às já publicadas sobre a Bahia. As perguntas que levaram à documentação de *sarolha* aqui mencionada referem-se a: TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA (perg. 56), FAROFA ÚMIDA (perg. 260) e TIPOS DE BEIJU (PRINCIPALMENTE O "REDONDINHO, MOLHADO COM COCO") (perg. 269) e foram formuladas de maneira uni-

forme a cada um dos informantes, de acordo com o princípio geral que regeu a aplicação do questionário. Da metodologia dos inquéritos em Sergipe constou ainda a interrogação direta, que consiste em mencionar, depois de concluída a investigação indireta, determinadas formas levantadas pelo Questionário Lingüístico Experimental (esboço n. 4), toda vez que não tivessem sido obtidas como respostas às respectivas perguntas na interrogação indireta. Tais formas que, entre barras, acompanhavam as respectivas perguntas, visavam a apurar o conhecimento da forma por parte do informante e tentar obter dele uma caracterização convincente e comprobatória. *Sarolha* está arrolada entre as formas que constituem o elenco do teste de identificação, isto é, entre aquelas que, finda a aplicação do questionário, eram perguntadas diretamente aos informantes.

2. Os resultados que apresentamos ocorreram em 15 localidades de Sergipe, anteriormente citadas, e foram recolhidos a dois informantes em cada uma delas. Mencionaremos distintamente o que resultou da interrogação indireta e o que proveio da interrogação direta, isto é, do teste de identificação.
- 2.1. Pergunta 56 — TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA  
/sarolha/ <sup>(5)</sup>

A pergunta uniformemente formulada a cada um dos trinta informantes — Quando chove pouco, a terra fica nem seca nem molhada, como é que chama? — não ofereceu dificuldades de entendimento, muito ao contrário, levou-os quase sempre à resposta imediata, espontânea e precisa — *sarolha* — que para nós tinha especial interesse. Isso demonstra o caráter usual e ativo da forma no vocabulário básico das áreas rurais investigadas.

Na interrogação indireta, ocorreram *sarolha* (17 vezes), *sarolhada* (3 vezes), sem se deixar de obter documentação para qualquer dos pontos, como se pode ver na carta de Sergipe UMEDECIDA (terra —) PELA CHUVA que ora fornecemos. Na interrogação direta, *sarolha* foi identificada para 'terra umedecida pela chuva' quatro vezes (53 M, 54 H, 55 M, 57 M). Apenas um informante (51 H) identificou-a como um tipo de cebola, desconhecendo seu uso de referência à terra. Três informantes (54 M, 61 M, 63 M) disseram desconhecer a forma. Duas vezes (56 M, 62 H),

ainda que não tendo aparecido no decorrer do questionário, deixou-se de perguntar diretamente pela forma, por motivos de ordem prática específicas dos respectivos inquéritos.

2.2. Pergunta 260 – FAROFA ÚMIDA

/sarolha/

Introduzida pela preliminar “Aquilo que a gente faz da farinha, só com água e sal?”, a pergunta “E quando é daquela que fica bem molhadinha?” teve a sua formulação orientada pelos resultados da aplicação da pergunta 640 (área HOMEM) do Questionário Lingüístico Experimental (esboço n. 4). Apenas três informantes (51 M, 60 H, 62 M) designaram por *sarolha* o tipo de farofa “bem molhadinha”, quando da interrogação indireta. Os demais denominaram-na de “farofa mole”, “farofa escaldada”, “pirão d’água”. Perguntados diretamente por *farofa sarolha*, alguns informantes identificaram-na como uma farofa *nem seca nem molhada*, comprovando com as explicações:

“a gente faz a farofa, nem escalda muito nem deixa muito solta” (55 M);

“faz aquela *farofa saroiá*: aquela farinha com um pouco de água e faz aquela farofa meia seca” (55 H);

“acho que seje nem seando tão moiado nem também seca demais, que ela fique um pouco *saroiada*” (58 H);

Outros, na mesma interrogação direta, como uma

“farofa solta” (54 H)

“farofa seca” (60 M).

Outros atribuíram ainda a *farofa sarolha* um sentido depreciativo deduzível das explicações:

“farofa meia afogueada [= mal temperada]” (61 H);

“é uma coisa que não presta, um pirão d’água aí” (64 M), ao lado do informante do ponto 59 que, ouvida a forma, explicou:

“a *farofa saroiá* é de comer, é coisa mais ou menos, é coisa boa...”

A informante do ponto 65, identificando a forma, forneceu uma explicação pouco aclaradora:

“bota água pra mornar, pinica a cebola e faz a farofa”.

Ainda quando perguntados diretamente por *farofa sarolha*, seis informantes (52 M, 54 M, 57 M, 58 M, 61 M, 63 M) disseram ignorar seu uso neste contexto, mas, à exceção dos informantes masculinos dos pontos 54, 61 e 63, os demais conhecem a forma de referência à terra. A onze infor-

Informantes em nove pontos deixou-se de perguntar diretamente por *farofa sarolha*.

2.3. Pergunta 269 — TIPOS DE BEIJU (PRINCIPALMENTE O “REDONDINHO, MOLHADO COM COCO”)

A pergunta destinava-se a apurar os nomes de beiju conhecidos na área sergipana, com especial atenção para o tipo “redondinho, molhado com coco”. Dez informantes (51 M, 53 H, 56 M, 56 H, 57 H, 58 M, 59 M, 59 H, 61 H, 62 M) referiram-se a *beiju sarolho*, quer na enumeração espontânea dos tipos de beiju, quer perguntados pelo tipo especificado. De um modo geral, a explicação acrescentada confirmava a caracterização prévia de “redondinho, molhado com coco”. Entretanto, quatro informantes (52 M, 58 H, 63 H, 64 H) o designaram por *beiju de coco*, não se podendo dizer se conhecem a denominação *sarolho*. Essa dificuldade de apuração advém do fato de não estar previsto para a pergunta em foco o teste de identificação de *beiju sarolho* que justificaria a interrogação direta, esclarecedora, nesse caso, de muitos aspectos da caracterização desse tipo de beiju. O informante do ponto 62, ao ser perguntado diretamente por *sarolha*, a propósito da pergunta 269 e na interrogação direta, identificou como um beiju feito de tapioca, dizendo também conhecer pelo nome de *ripiana* ou de *beiju de coco*. No ponto 60, o informante denominou de *soreis* esse mesmo tipo de beiju.

3. O exame das formas levantadas mostra a estabilidade semântica caracterizada pelo *nem muito seco, nem muito molhado* aplicado tanto à terra, como a certo tipo de farofa ou beiju. A constante na significação de *sarolha* nessa área dos falares baianos é a *indicação de um estado intermediário, de um processo de umidificação iniciado mas não concluído*.

3.1. Os léxicos disponíveis consultados não registram o uso de *sarolha*, em área brasileira ou portuguesa, exatamente nas acepções em questão. Todavia documentam:

*cerolha e zarolha* — na acepção de ‘roupa mal enxuta’ FIGUEIREDO (?), MORAIS (?), AULETE (?), como provincialismo minhoto, à exceção de MORAIS que não situa a área;

*zarolhar* — para ‘enxugar-se ligeiramente, (FIGUEIREDO e MORAIS), ‘secar passageiramente a roupa’ (MO-

RAIS e AULETE), localizando, mais uma vez à exceção de MORAIS, no Minho;

*sorolhento* — para 'mal sazonado, verde', os já citados léxicos, situando-a no Alentejo e exemplificando com "fruta sorolhenta" (FIGUEIREDO), "pera sorolhenta" (AULETE);

*zarolho* — para 'milho no começo da maturação' (MORAIS, FIGUEIREDO, FLORIVAL SERRAINE<sup>(10)</sup>, PDBLP<sup>(11)</sup>). FIGUEIREDO e o PDBLP registram como brasileirismo ao Norte; F. SERRAINE como termo popular do Ceará, de uso sertanejo, acrescentando ainda aplicar-se às 'gramíneas e ervas de pastagem quando começam a amarelecer' e, por extensão, ao 'mato que na quadra começa a ressentir-se dos ardores do sol'. MORAIS dá também para a forma o sentido de 'cego de um olho' (uso pop.), acrescentando que 'por extensão diz-se de qualquer obra por acabar, de qualquer coisa mal feita'. Além disso, JOSEPH PIEL<sup>(12)</sup> cita as formas enumeradas em FIGUEIREDO e documenta ainda:

*soralhaço* — dizendo aplicar-se, no Alentejo, ao fruto e ao cereal que se consome ou se ceifa em incompleto estado de maturação;

*zarolho* — numa aldeia da serra de Albardos, Concelho de Alcanena, com a acepção de 'trigo que não está ainda bem seco, que está ainda verdoengo';

*saraço* — como sinónimo de *sorolhento* e usado em Elvas (Alto Alentejo).

4. As informações etimológicas sobre *sarolha* são escasas. Apenas JOSÉ PEDRO MACHADO<sup>(13)</sup> s. v. *zanaga*, *zanago* registra *zarolho*, dizendo ter etimologia obscura, remetendo entretanto a COROMINAS<sup>(14)</sup>. Este s. v. *acero-la*<sup>(15)</sup> faz referência a *zarolho* (provincianismo brasileiro) e a *sorolhento* (provincianismo alentejano) 'mal sazonado, verde', como possíveis empréstimos ao castelhano e a *zarolha* (provincianismo minhoto) 'roupa mal enxuta'. JOSEPH PIEL, para explicar *sorolhento*, supõe a existência de \**serolhento* de \**serolho* de uma derivação vulgar latina \**SĒRŪCULUS* sinónimo de *SERŌTINUS* 'que vem tarde ou a desoras; tardio; que aparece no fim da estação própria (falando-se de frutos)' que se prende ao advérbio *SĒRO* 'tarde, demasiado tarde'. Tal derivação é "concebida dentro dos moldes normais da formação das palavras

nesta língua, e tanto mais fácil de admitir quanto é certo que o latim conhecia um ANNUCULUS (variante de ANNICULUS) 'que tem um ano' ... ao lado de ANNOTINUS 'que é do ano passado' (16), tratando-se de "um tipo lexical caracteristicamente hispânico" (17). Para o território espanhol COROMINAS s. v. *acerola* regista *cerolho* (navarro e galego), *zorollo* (galego, leonês e murciano) e *sorroyo* (andaluz) aplicados a "messes que no momento da ceifra ainda estão um pouco verdes' talvez procedentes de *azarolla* 'azarola' (possivelmente do latim CEREOLA) relacionando ao sabor desta fruta; e mais *zorollo* que se aplica a um alimento meio cru (Almeria). Considera improvável o étimo \*SERUCULUS diminutivo de SERUS proposto por GARCIA DE DIEGO (18), pela dificuldade em explicar o fonema inicial das formas espanholas. Referindo-se ao significado 'torto, estrábico' da forma portuguesa *zarolho* admite poder ter sido este o sentido fundamental, conseqüentemente sem qualquer relação com *acerola*, mas, ao contrário, com *sarazo* 'grão nem seco nem maduro' (milho) (cf. *saraço* 'incompletamente maduro' para cereais, no Concelho de Elvas citado no item 3.1.). *Sarazo*, ainda segundo COROMINAS, poderia talvez ser derivado de *zarazas* 'espécie de unguento ou pasta venenosa empregada para matar animais' por uma comparação exagerada de um alimento mal cozido ou sem gosto com um veneno (19). Ponto de vista diverso tem J. PIEL (20), que explica a forma ou a partir de \*SÉRACEUS derivado de SÉRUS, ou como resultante de um cruzamento entre \**serolho* e *sarolhaço*.

5. A abordagem da documentação de Sergipe, o exame da carta 22 do APFB e dos léxicos e dicionários etimológicos disponíveis (21) levam-nos a concluir que na significação de *sarolha* e variantes persiste um traço constante, o de estado *intermediário, incompleto, imperfeito*, que designa a terra nem seca nem molhada, um tipo de farofa ligeiramente molhada, um tipo de beiju umedecido, frutos e cereais em geral mal amadurecidos, ou ainda, roupa mal enxuta.

- 5.1. O exame das cartas da Bahia e de Sergipe UMEDECIDA (terra —) PELA CHUVA que fornecemos em anexo mostra o alto grau de vitalidade de *sarolha* e variantes nessa área dos falares baianos, demonstrando ainda ser o

território de Sergipe, nesse aspecto, continuador inconteste do Estado da Bahia. Além disso, chamamos a atenção para dois aspectos ainda nessas cartas: 1) a não-ocorrência da forma no extremo-sul da Bahia (pontos 8, 9, 10, 11, 12, 24, 25, 36, 50) e 2) a sua utilização até o extremo-norte de Sergipe, limite com Alagoas.

Em toda essa área dos falares baianos, *sarolha* se apresenta, parece-nos que fora de dúvida, com o mesmo valor semântico com que ocorre no seguinte passo do *Livro da Montaria de D. JOÃO I* (22):

“... E pois que começamos a ensinar, sabede, que a terra do bairro, ou lama que seia *çorolha*, que nom seia solta, estas terras fazem parecer os rastros grandes, posto que seiam mais pequenos, e as areas soltas, e a lama a tambem solta, estas fazem parecer os rastros pequenos, posto que seiam grandes; e esto porque no passar que o porco passa polla area, santo que passa, logo o rastro çarra da area polla sua soltura: e a ainda que a area se nom çarra per si meesma, mais se faz uento, pollo seu correr também faz correr as areas, e çarram os rastros, que ainda que seiam grandes, fazeos parecer pequenos.”

passo que pareceu obscuro a SERAFIM DA SILVA NETO (23) e para o qual MORAIS (24) dá, em dúvida, os significados de 'apertado, compacto'.

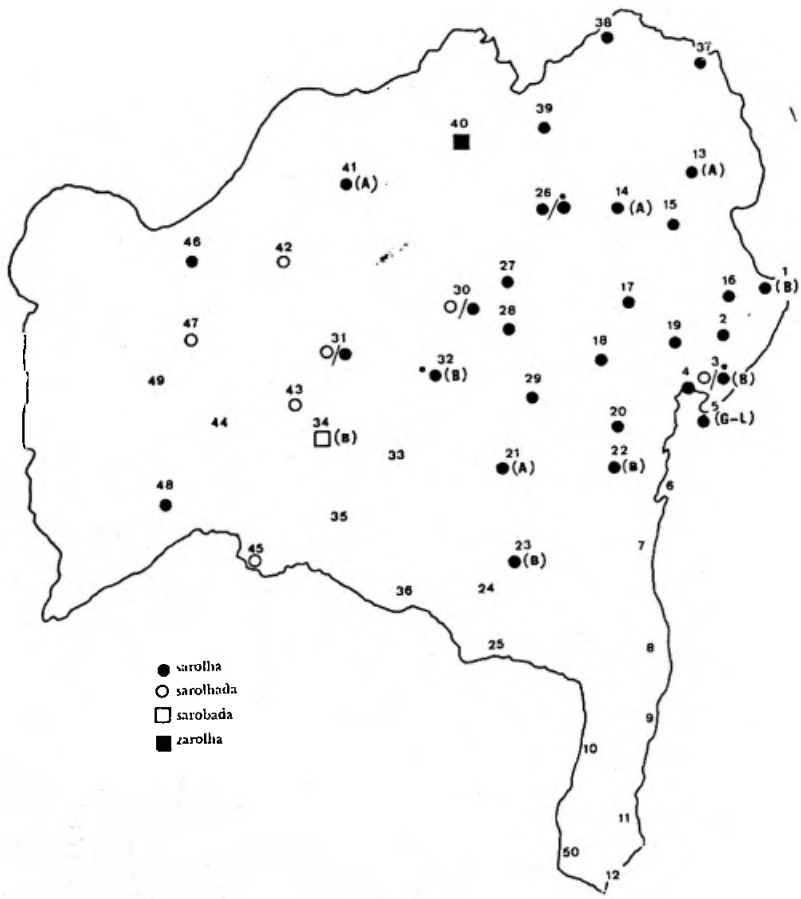
#### 5.1.1.

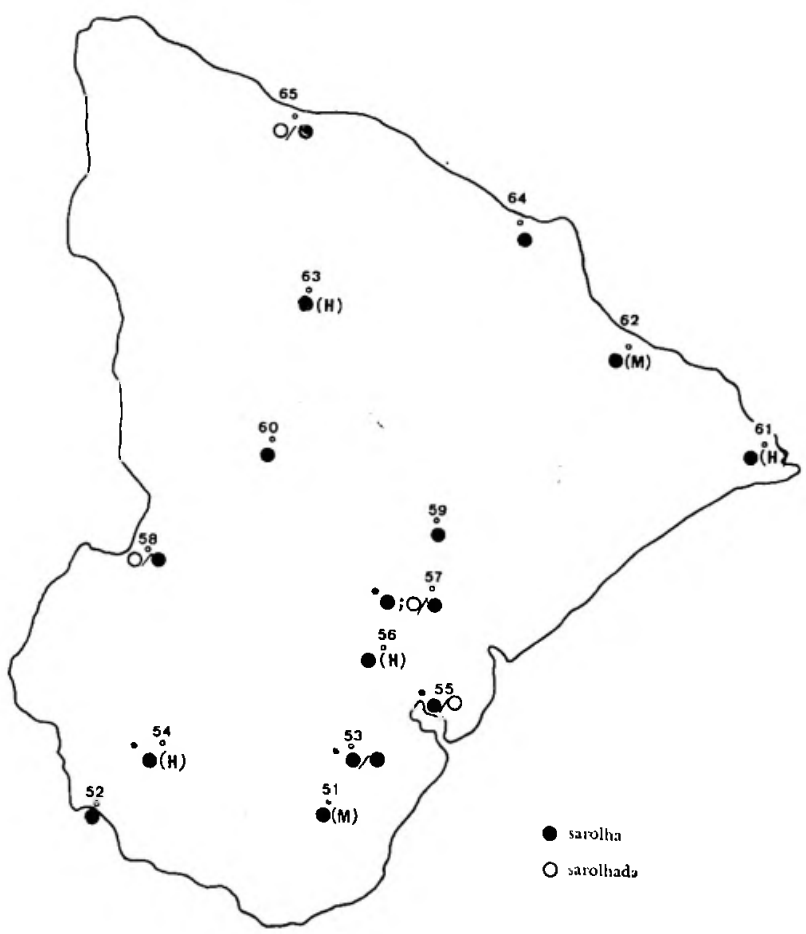
A ocorrência de *sarolha* nessa área dos falares baianos e na mesma acepção usada por D. JOÃO I, leva-nos a chamar a atenção para a importância que pode vir a ter essa forma, se reunida a um elenco de outras de igual interesse, para o estudo da História do Português no Brasil, no que se refere às suas ligações com os falares regionais de Portugal, com base nos dados internos da língua que se pudessem conjugar às informações da história externa.

SUZANA MERCELINO CARDOSO  
VERA LÚCIA ROLLEMBERG

\* Comunicação apresentada ao II Congresso Interamericano da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina — São Paulo, 3-8. jan. 69







- 1 As referências a *sarolha* ou a variantes não a localizam, pelo menos até onde pudemos examinar, em território dos falares baianos.
- 2 Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro 1963.
- 3 Os inquéritos realizados em Sergipe foram registrados e dos fonogramas originais foram feitas cópias que se encontram no arquivo sonoro do Laboratório de Fonética.
- 4 Em continuação aos 50 pontos da Bahia, as localidades em Sergipe tomaram a indicação numérica de 51 a 65.
- 5 A forma entre barras constitui o previsto para o teste de identificação a que se fez referência no parágrafo 1.1.2.
- 6 As indicações *M* e *H* que se seguem ao número dos pontos referem-se a informantes femininos e informantes masculinos, respectivamente.
- 7 Figueiredo, Candido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 13.<sup>a</sup> ed. Lisboa, Bertrand, s.d.
- 8 Morais e Silva, Antonio. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10.<sup>a</sup> ed. Lisboa, Ed. Confluência, 1949.
- 9 Aulete, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 4.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Delta, 1958.
- 10 Serraine, Florival. *Dicionário de termos populares; registrados no Ceará*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1958.
- 11 *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Coord. por Aurélio Buarque de Holanda. 11.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Civ. Bras., 1964.
- 12 Piel, Joseph. *Miscelânea de etimologia portuguesa e galega*. Coimbra, 1953. p. 292-295 (1.<sup>a</sup> série).
- 13 Machado, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, Ed. Confluência, 1959. v. 2.
- 14 Corominas, J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid, Ed. Gredos, 1954.
- 15 *Ibid.*, v. 1, v. 4., adiciones.
- 16 Piel, op. cit., p. 293.
- 17 *Ibid.*, p. 262.
- 18 Garcia de Diego, Vicente. *Diccionario etimológico español e hispánico*. Apud Corominas, op. cit.
- 19 Corominas, op. cit. (s.v. *zarazas*).
- 20 Piel, op. cit. 295.
- 21 Lamentamos enormemente a não possibilidade de acesso ao *Atlas lingüístico da Península Ibérica* por não ter sido ainda adquirido pela Universidade Federal da Bahia, apesar da insistência, pelo menos, do Laboratório de Fonética.
- 22 Ed. de Francisco Maria Esteves Pereira Coimbra, Imp. da Universidade, 1918.
- 23 Silva Neto, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Liv. de Portugal, 1952.
- 24 Morais, op. cit.